

A IDEIA

revista de cultura libertária

fundador e proprietário João Freire
consultor editorial Artur Cruzeiro Seixas
director e editor António Cândido Franco
editor gráfico Luiz Pires dos Reys
assist. prod. gráfica Xénia Pereira Reis
periodicidade anual (número duplo, triplo ou quádruplo)

imagens (miolo) : Alex Januário, Almerinda Pereira, António Paulo Tomaz, Bruno Barnabé, Cruzeiro Seixas, Délio Vargas, Deodato Santos (Jorge Mealba), Dominique Labaume, Ferreira da Silva, Henry Holiday, Luis Manuel Gaspar, Manuela Correia, Maria Antónia Viana, Maria João Fernandes, Maria João Vasconcelos, Mário Bruno Cruz, Martins Correia, Marta Pereira dos Reys, Rachele Gigli, Renato Souza, Roberto Nobre

capa: YVES ELLÉOUËT; **contracapa:** collage de AUBE BRETON ELLÉOUËT [Le Nautile, 1996]

agradecimentos especiais para este volume: Almerinda Pereira (iconografia); Ana Cardoso Pires (carta a José Cardoso Pires); Ana Salomé/revista Golpe d'Asa (inéditos vários sobre Sade); Aube Breton Elléouët (capa e contracapa); biblioteca nacional (espólios); biblioteca pública de Ponta Delgada (Natália Correia); Bruno da Ponte (fotografias); Cristina Pidwell (espólio de Al Berto e iconografia); Daniel Pires (Bocage); Cruzeiro Seixas (iconografia, cartas de Franklin Rosemont e Vitor Silva Tavares, poema de Ricarte-Dácio); Dominique Labaume (fotografias); Éditions de Minuit (direitos dos trechos de Récidive); Eduardo Medeiros (iconografia); Francisco Bronze (cartas de Varik); Fundação Cupertino de Miranda (imagem de António Paulo Tomaz); Elsa Martins Correia (imagem de Martins Correia); José Luiz de Almeida Silva (fotografias, Ferreira da Silva); Luis Manuel Gaspar (iconografia); Manuela Correia (Hermínio Monteiro); Maria Antónia Vitorino (António Telmo); Maria de Lourdes Cortez (cartas de Grabato Dias); Nicolau Saião (cartas de Francisco Quintal e Franklin Rosemont); Rui Martinho (poema de Virgílio Martinho, imagem de Mário Cesariny e dedicatória de Raul Leal); Subrkamp Verlag (direitos do poema de Robert Walser)

endereço rua dr. Celestino David n.º 13-C, 7005-389 Évora, Portugal

endereço electrónico acvcf@uevora.pt

blogs <http://aideialivre.blogspot.com>; <http://colectivolibertarioevora.wordpress.com>

depositários Livraria Letra Livre: calçada do Combro, n.º 139, 1200-113 Lisboa; Livraria Uni-Verso: rua do Concelbo, 13, 2900 Setúbal; Livraria Alfarrabista – Miguel de Carvalho, Adro de Baixo, 6, 3000 Coimbra.

Impressão Europress

tiragem 500 exemplares

depósito legal 365900/13

registo do título 104 197

ISSN 0870-6913

A *Ideia* é uma revista que faz da cultura o seu campo de acção. Através da criação poética e plástica, da expressão filosófica, da pesquisa social, da investigação histórica, da abertura a uma ciência humanizada, desligada dos interesses lucrativos do dispositivo industrial/militar, a publicação visa criar as bases dum espírito livre, criativo, gratuito e solidário, contributo efectivo para a realização plena de todos os seres vivos. Tirando este princípio geral, suficiente para lhe dar um propósito de acção, o libertário, e uma família de ideias, o *anarquismo cultural*, a revista não tem plataforma programática. As colaborações não solicitadas são desejáveis, embora sujeitas a validação; da sua edição ou não, a revista dará sempre nota ao autor. A responsabilidade dos textos assinados cabe aos autores, respondendo o director pelos não assinados. Os trabalhos publicados, salvo indicação expressa em contrário dos autores, não têm direitos reservados e, sem intuítos comerciais, com indicação de autor/fonte, podem ser reproduzidos livremente. Não se segue nenhuma norma ortográfica e várias grafias do português podem coexistir. A revista aceita ainda publicar, sem tradução, textos em francês, castelhano, catalão, italiano e inglês.

CONDIÇÕES DE EXPEDIÇÃO DA REVISTA ENCONTRAM-SE NA ÚLTIMA PÁGINA

DESEJA-SE PERMUTA – PIDESE CANJE – ON DEMANDE L'ÉCHANGE – CHIEDESI SCAMBIO
WE ASK FOR EXCHANGE – MAN BITTET UM AUSTAUSCH

A IDEIA

revista de cultura libertária

II série – ano XLII – vol. 19
n.º 77/78/79/80 – Outono de 2016

LIMIAR 7

I. ABJECCÃO & ABJECCIONISMO

Manuel Maria Barbosa du Bocage

Quando no estado natural vivia... /

When humans to natural life were left...

[trad. ingl. de Patrícia Odber de Baubeta
e Margarida Vale de Gato] 10

Cruzeiro Seixas

Sade 11

Luís Amaro

Um Cristo literário: Luiz Pacheco 12

– O *Libertino*: bilhete-postal para Mário Cesariny 15

– Correspondência: Luiz Pacheco /Cruzeiro Seixas 16

Ana Luísa Amaral

“Et pourtant”, antes tu que a terra fria 18

Manuel Maria Barbosa du Bocage

Quando en su estado natural vivía... /

Quan en l'estat natural vivia

[trad. de Eloísa Álvarez e Jordi Cerdà] 19

– Correspondência: Luiz Pacheco / Natália Correia 20

– Correspondência: Luiz Pacheco / José Cardoso Pires 25

– O neo-abjeccionismo num postal para João Rodrigues 27

António Pedro Soares

As Prisões em Portugal no séc. XXI 28

Filipe de Fiúza

Carta apócrifa de Bocage ao marquês de Sade 32

Manuel Silva Ramos

Ouvrir les volets sur Sade 34

Sade

Três textos 38

Margarida Vale de Gato

A um gabarola de meia-foda sigilosa 47

Manuel Maria Barbosa du Bocage

Quando in stato naturale abitava... /

Quando la specie umana

[tradução e versão de Manuele Masini] 48

Mário Cesariny

Correspondência para Virgílio Martinho 49

Virgílio Martinho

A luz encarnada 53

Ricarte-Dácio de Sousa

Soneto a Cruzeiro Seixas 54

Jacques Vaché

Carta a André Breton 55

Bruno da Ponte

Notas de Testemunho 57

Entrevista: a Editora Minotauro 61

Tony Duvert

Três monólogos [trad. de Júlio Henriques] 65

Joëlle Ghazarian

“L'Île Atlantique” de Tony Duvert 71

João Carlos Raposo Nunes

[Bocage em Setúbal] 74

Paulo Jorge Brito e Abreu

A nova fala de Bocage aprisionado 74

António Salvado

Com um ramo de urzes e rosmaninhos
para Manuel Maria 75

Fernando Grade

Bocage (Bocage) 76

Manuel Maria Barbosa du Bocage

Quand à l'état naturel

À l'état naturel 78

[trad. Dominique Labaume e Joëlle S. Ghazarian]

Carla Ferreira de Castro

Porque o Snark era um Boojum 79

Lewis Carroll

“Fit the third: the baker’s tale”

[tradução de Carla Ferreira de Castro

e Patrícia Hortinhas] 84-86

Manuela Parreira da Silva

Almada, Dantas e os acidentes de Soror Mariana 87

Lettres Portugaises (1669)

[trad. Manuel Ribeiro] 95

Fátima Pitta Dionísio

Memória de Soror Mariana 100

António José Queiroz

Meditação do marquês de Chamilly 101

Fernando J. B. Martinho

António José Forte 103

Afonso Cautela

Poema do *Dicionário do Cadáver Esquisito* 105

João Pedro Grabato Dias

Envios (inéditos) a Maria de Lourdes Cortez

[anotações de M. de Lourdes Cortez] 106

Luís Carlos Patraquim

Frei Mutimati Grabato João 112

Carlos Loures

Ode a Jean de la Fontaine 113

Henrique Varik Tavares

Envios (inéditos) a Francisco Bronze 114

Amadeu Baptista

Na morte de Vitor Silva Tavares 117

António Ferra

Na morte de Vitor Silva Tavares 117

Vitor Silva Tavares

Envios (inéditos) a Cruzeiro Seixas 118

Daniel Pires

A subversão de Bocage 121

Manuel Maria Barbosa du Bocage

Toen het mensdom nog natuurlijk was

[trad. Laurens Vancrevel] 122

Inquérito: Bocage em 2016

[Ângelo Monteiro, António Carlos Cortez, Claudio Willer, Francisco Soares, Gastão Cruz, José Emílio-Nelson, José Luís Mendonça, Luís Adriano Carlos, Manuel de Freitas, Nuno Júdice, Ruy Ventura, Luiz Pires dos Reys] 123

II. DOCUMENTA

Manuel Hermínio Monteiro 136

Todas as mães na feira

Adília Lopes

Catalpa 137

Fernando Guimarães

Três poemas (inéditos) 138

Avelino de Sousa

Dois poemas (inéditos) 139

Maria Estela Guedes

Donis de Frol Guilhade: Quem? 140

Luiz Pires dos Reys

O tempo testemunha a sangria das horas na sala do capítulo da Pã-Ciência 142

Donis de Frol Guilhade

eWAWe: haV.Vah 147

Ziul Qayin Syer

Venúcifér 149

Donis de Frol Guilhade

ALUANUA - tetractys poético 151

Ruy Ventura

Poesia e absoluto em dois livros de Al Berto 156

Carlos Mota de Oliveira

Do livro inédito *Elefantes* 162

Robert Walser

Selbstschau [trad. Alípio Carvalho Neto] 163

Marc Herold

Poemas [trad. Alípio Carvalho Neto] 164

Alípio Carvalho Neto

Primeira estação (Évora) 165

Maria Estácio Marques

Antiga e contemporaneamente europeia 166

Adriano Alcântara

Não 166

Francisco Cardo

Dois poemas 167

Miguel Teotónio Pereira

Scardanelli 168

Jorge Telles de Menezes

O produtor em série 169

Gonçalo Salvado

Corpo todo 170

- Júlio Conrado*
 Quadraturas 171
- Fernando Botto Semedo*
 Sangrando e luz 172
- Almerinda Pereira*
 Meditações infantis sobre o amor e o ser 173
- Abel Neves*
 Os rios que lembram os rios 179
- António Telmo*
 Novos diálogos de Hylas e Philonous 181
- Teixeira de Pascoaes e Eugénio de Andrade*
 Cartas (inéditas) a Albert Vigoleis Thelen
 [apresentadas e anotadas por Patrícia Franco] 187
- Franklin Rosemont*
 Cartas para Cruzeiro Seixas e Nicolau Saião 191 e 195
 Poema de homenagem a Cruzeiro Seixas 192
- Michael Löwy*
 Franklin Rosemont [1943-2009] 196
- Maria Azenha*
 Vertigem [Raul Leal] 198
- Giacomo Leopardi*
 Hino a Ariman [trad. e nota de Albano Martins] 199

III. SADE, BOCAGE, MARIANA & CARROLL

- Eliane Robert Moraes*
 Múltiplo e maldito: o marquês de Sade 201
- Ana Cristina Joaquim*
 Marquês de Sade e a transgressão pelo riso 205
- Manuel Teixeira-Gomes*
 Paralelo Sacrílego [Teresa de Ávila & Sade] 207
- José Emílio-Nelson*
 Sade, de Ávila – uma felicidade máxima 208
- Carlos Jorge Figueiredo Jorge*
 Sade: um breviário irreligioso 210
- Ernesto Rodrigues*
 Silling: introdução 212
- Fernando Grade*
 Sade e o(s) sadismo(s) 216
- A. Cândido Franco*
 O outro Sade 218
- Roger Gilbert-Lecomte*
 O Tabu sexual 222
- Ana Cristina Joaquim*
 Letra pélvica 223

- Rui Sousa*
 Leituras surreal-abjeccionistas de Bocage 225
- Maria da Graça Gomes de Pina*
 Exegese de duas cartas de Bocage 229
- Ana Margarida Chora*
 Bocage e José Agostinho de Macedo 232
- Paulo Jorge Brito e Abreu*
 Bocage Aprisionado [notas] 236
- Pedro Martins*
 Bocage e Olavo Bilac 239
- Francisco Soares*
 Bocage na poesia angolana do século XIX 244
- Antonio Sáez Delgado*
 La recepción de Bocage en España 250
- Manuele Masini*
 Bocage e a Itália 251
- Manuel Neto dos Santos*
 Bocage – desmascarando a anedota 252
- Joana Ruas*
 Viagem de Rilke pela Espanha árabe 253
- Gabriel Rui Silva*
 Manuel Ribeiro e Madre Mariana Alcoforado 255
- Maria Antónia Lima*
 O mundo louco de Lewis Carroll 258
- Nicolau Saião*
 Lewis Carroll num positivo fotográfico 259

IV. SURREALISMO & ABJECCIONISMO

- Gilberto de Lascariz*
 Aleister Crowley e Raul Leal 261
- Sofia Santos*
 Reconfiguração memorialística em Luiz Pacheco 269
- José Luiz de Almeida Silva*
 Ferreira da Silva [1927-2016] 272
- Frederico Mira George*
 Vitor Silva Tavares [1937-2015] 277
- Fernando Saldanha da Gama*
 Bom dia... e lepra [sobre Henrique Tavares] 280
- Gabriel Rui Silva*
 Francisco Bronze nos anos do Gelo 282
- Eduardo Medeiros*
 Memorial – António Quadros [1933-1997] 285
- Maria de Lourdes Cortez*
 Grabato Dias 291

Eugénio Lisboa

António Quadros 295

Maria João Fernandes

Raúl Pérez: o teatro do inconsciente 300

António Cândido Franco

Da circunstância e da ética do abjeccionismo 306

Sobre um poema de juventude de Pedro Oom 319

Risoleta Pinto Pedro

Quando o surrealismo entra na partitura 321

V. LEITURAS & NOTAS

Jorge Leandro Rosa

A anarquia a partir do surrealismo 325

Levi Condinbo

Jazz – magia e liberdade 329

José Manuel Martins

Makavejev e Buñuel 330

Mário Fernandes

A Impunidade das trevas: Manuel Silva Ramos 335

Pedro Martins

Arqueologia de Pascoaes 345

Avelino de Sousa

Da admiração 346

Rui Arimateia

Um António Telmo 328

Filipa Barata

“Contramina” de Ruy Ventura 353

António de Macedo

A serpente antiga 354

Joaquim Palminha Silva

O diabo “lusitano” 361

José Hipólito Santos

A patologia do chinelo 366

António Sérgio cooperativista 369

[com trecho ilustrativo de A. Sérgio] 374

Teófilo Braga

Gonçalves Correia nos Açores 375

Nicolau Saião

Carta a Francisco Quintal 376

João Freire

“A Ideia”: a repressão aos anarquistas
no séc. XIX 377

José Maria Carvalho Ferreira

Revista “Verve” 377

Paulo Eduardo Guimarães

“Verve” n.º 27 – Maio de 2015 379

Júlio Henriques

O jornal “Combate” [1974-1978] 379

Carlos Júlio

Encontro Libertário de Évora 380

Jorge Leandro Rosa

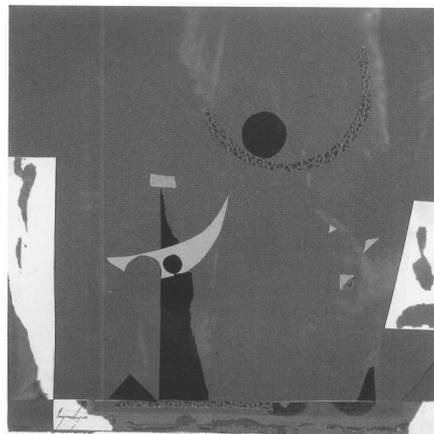
“A Ideia” – o agora do depois 383

Arquivo & Registo 387

Novos Colaboradores 419



Desenho de António Paulo Tomaz, 1949



Cruzeiro Seixas
Instantâneo de Soror Mariana ao Luar,
colagem s/papel

Sublinhe-se: o super-presidiário Sade voou por cima de todos os incestos, pulverizou sangues e manias, interagiu em amor a três, amor a muitos. Foi um petardo. Noutra perspectiva, era parecido com um possível atirador furtivo surrealista, no cimo de um prédio, a baleiar, ao calha, a multidão postada em baixo. Pessoas tranquilas. Mas vai morrer alguém. Quem? É a plataforma típica de o acaso objectivado. Morre quem tiver tido o azar de se encontrar no caminho fortuito dos tiros. Trata-se de uma situação para a qual, nos dias que correm, a fanfarra jornalística arranhou o seguinte chavão: “o Fulano ou a Belmira estava no sítio errado à hora errada”. Outros espertos de meia tijela (ouve-se, bastas vezes, nestes dias aziagos) explodem muito contentinhos: “... azar dos Távoras!!!!...”

O surrealismo francês aceitou, na sociedade, este tipo de ajuste de contas. As coisas passaram-se no primeiro pós-guerra, nos anos '20: a esperança estava moribunda, eram muitos os gaseados pelas ruas, a vida não parecia importante e única... Então, para quê viver no desânimo e no vômito?!!!... Dir-se-á: havia quem tenebrosamente matasse os outros, mas não se matava a si mesmo?!... Ah, matava..., matava... Havia, outrossim, suicidas que, antes disso, foram exterminadores...

Sacrílego, desrespeitador das imagens cristãs, libertino até às fezes, trapaceiro e genial (e não nos devemos esquecer que em todo o génio existe, igualmente, escondido um cabotino; neste ponto, o caso português mais evidente é do grande poeta Fernando Pessoa), o Marquês de Sade reúne todas as condições para continuar a atrair – pelos tempos em combustão – o amor e a raiva, a ternura e a desgraça, os adeptos incondicionais e os inimigos rancorosos...

Despeço-me, trazendo à liça, de novo, A. Breton: (...) *a garganta apertava-se cada vez mais, quando a estrela começou a falar em voz baixa, e depois cada vez mais perceptível, e acabou por gritar: “Prometeu” ou “Promete”*. Os ecos apoderaram-se desta palavra, de modo que o caçador não conseguiu saber se estava perante um chamamento ou uma ordem (...).

Esquecia-me de dizer que o vocábulo sadismo nasceu em 1834, vinte anos depois da morte de Sade.

[Estoril-Oeiras, Março de 2014]



A Manbã Carmesim (para Sade e Bocage),
collage de Alex Januário, 2016

O OUTRO SADE

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

Sade não é o mesmo – Sade não é sempre o mesmo. Tal como a noite dá lugar ao dia, também ele se sujeita a metamorfoses, estados crepusculares e intervalares entre dois picos distintos e até antagónicos. Há pelo menos dois regimes diferentes que regem a sua arte: o infortúnio da virtude ou a prosperidade do vício, num elogio sem horizonte dos impulsos pessoais, mesmo os mais desenfreadamente egoístas, e a desventura do vício em função duma aspiração ideal ou moralização colectiva que se faz porém pelas linhas da verdade crua. Não é por mero acidente, não pode ser, que uma das suas obras se titula *Justine ou les infortunes de la vertu* [*Justine ou as infelicidades da virtude*] e outra *Oxtiern ou les malheurs du libertinage* [*Oxtiern ou as desventuras da libertinagem*].

Estamos assim ante o duplo registo dum escritor que necessita de tudo dizer, tudo mostrar, alternando os regis-

tos mais díspares e as vozes mais desencontradas, e com eles compondo o contraste vivo dos seus quadros, para poder dar da vida e dos homens um quadro suficientemente amplo e fiel. Esqueceu-se durante muito tempo o colorido variado desta imensa fauna humana, vendo-se apenas a cor sinistra, ou ultra-sinistra, com que ele pintou algumas personagens, as mais viciosas, da sua grande comédia.

Foi decerto por esse motivo que a sociedade do tempo se escandalizou diante dos seus quadros, ordenando a proibição e a destruição dos seus romances. Foi ainda por isso que durante tantos anos – mais dum século – a sua obra continuou proscrita e o seu nome interdito. É ainda por isso que hoje se associa apenas a perversão moral à sua obra, ao menos entre nós, onde pouca notícia dela se tem e nada dela se estudou com seriedade. A obra de Sade continua a meter-nos medo, um medo desmedido e sem nome, pois dela só vislumbramos o regime frio e nocturno do seu registo, o seu esqueleto transido e descarnado.

Há porém outro Sade, um Sade muito mais luminoso e solar, um Sade revestido de carne, preocupado com a justiça, capaz de estabelecer uma ligação de simpatia moral com o meio, o que, sendo vulgaríssimo noutros escritores, que tantas vezes não vão além desse limite, é nele, que tanto sacrificou ao lado *gelado* da alma humana, uma questão em geral esquecida. Parece-nos urgente dar a conhecer e sublinhar esta sua faceta, surpresa inaudita para alguns, mas que nada mais é afinal do que a superfície estável e necessária, o rosto aceitável, mas não domesticado, porque em Sade até a aspiração mais sublime é selvagem, onde todos os restantes contrastes, mais moles e muito mais incómodos, ganham, no vinco negro da sua dobra, contorno, relevo, substância e sentido.

1. O ensaio, e o ensaio político em especial, é a área mais desconhecida da obra de Sade, apesar de brilharem nesse céu, numa língua que muito se notabilizou em tal género, algumas estrelas de primeira grandeza, se bem que isoladas e sem qualquer preocupação de sistema ou sistematização. A obra política de Sade foi escrita ao sabor de circunstâncias, a primeira delas, que tudo condicionou, a revolução de 1789, que o libertou dum longo e penoso cativeiro – tinha 50 anos e nunca até aí mostrara qualquer interesse particular pela acção política. Basta porém o ensaio *Idée sur les modes de la sanction des lois* [*Ideia sobre os modos de sanção das leis*], composto no quadro da revolução, para estarmos ante um pensador político de invulgar interesse.

O texto foi escrito em Outubro de 1792 no seio da assembleia cidadã da “section des Piques”, Place-Vendôme, uma das mais dinâmicas e radicais da capital francesa, onde o autor estava inscrito como “cidadão activo” desde 1-7-1790. Três meses antes, no início de Abril, fora libertado da Bastilha (ou de Charenton, para onde fora entretanto, em Julho de 1789, remetido) pela abolição institucional dos vínculos e dos selos [*les lettres de cachet*] do antigo regime.

O ensaio, lido duas vezes pelo autor à assembleia-geral da secção de que chegou a ser secretário e presidente, foi considerado de extrema utilidade e mandado imprimir em Paris (local: *Imprimerie de la rue Saint-Fiacre*; data: 2 de Novembro), para ser de imediato distribuído e posto à reflexão nas restantes secções parisienses.

Texto de rara energia teórica, enquadrado no excitante curso inicial dos trabalhos da Convenção de 1792, acabava a realza de ser abolida no final de Setembro e a república proclamada, texto fundador e precursor, servido por uma rica mas discretíssima cultura histórica, e por um não inferior conhecimento das questões do direito político, merece ser avaliado como um dos melhores ensaios políticos que o século XVIII francês, nada menos que o de Montesquieu, produziu – e decerto como o escrito político de Sade mais forte e completo. Ficará para sempre como uma das mais inteligentes reflexões sobre os limites da representação política e ainda como uma das raras e lucidíssimas tentativas de conciliar no quadro do liberalismo político nascente o princípio democrático da soberania popular com o princípio libertário da soberania individual.

Texto desconhecido em Portugal, a começar pela ciência política que nunca o cita, radica porém nele um dos braços da variegada tradição moderna que se revê na democracia directa – atribuída por outros a Goodwin e a Proudhon, mais tardios todavia do que ele e já inseridos no curso das ideias socialistas, que Sade falecido septuagenário em 1814 em absoluto desconheceu, mesmo que aqui ou ali, como acontece em certos passos do seu romance *Aline et Valcour*, possa até surgir como seu precursor.

O Sade que se envolveu na revolução francesa e nos trabalhos da secção cívica da praça Vendôme, o Sade anti-jacobino, preso em Dezembro de 1793 – só foi libertado em Outubro do ano seguinte, escapando por um triz à guilhotina jacobina, acusado de federalismo, de ateísmo e de críticas ao Terror –, não pode deixar indiferente quem procura detectar, estudar e actualizar as fontes da tradição

Num óleo de 1990, um peixe liga as metades de uma dualidade feita de um horizonte noturno de que ele é o eixo e o centro. Uma síntese visionada, não consumada, enquanto o espelho, imagem do conhecimento e da alma, reflete o que poderão ser línguas de fogo que só nele existem, que não têm equivalente num espaço exterior. Fogo petrificado, manifestação do divino, semente oculta deste universo.

Nada parece perdido ainda. Nos patamares do tempo, carente de uma alma vivificadora e feminina, sôfrega de uma luz salvífica e transfiguradora, de uma harmonia que reconcilie para sempre as metades do conhecimento, o Ocidente sonha nesta pintura, seu assombroso retrato simbólico, a totalização perdida no sombrio baile de máscaras de uma identidade que desconhece as suas raízes, a manifestação solar da sua essência, o ouro de uma luz infinita que vela sobre a natureza e no coração do homem.

Notas: 1) Durand, Gilbert, *Les Structures Anthropologiques d l'Imaginaire*, Bordas Editeur, Paris, 1973. cf. “Le Régime Diurne de l'Image”, cap. primeiro: “Les visages du temps. Les Symboles Thériomorphes”, pp. 71-96. 2) Durand, Gilbert: *A maior parte das divindades da lua e da vegetação possuem uma dupla sexualidade*. op. cit, pp 334 e 335. 3) Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain, op. cit., pp. 181-183. 4) Durand, Gilbert, In: op. cit., pp. 360 e 361. 5) Durand, Gilbert, “Les Structures Mystiques de l'Imaginaire”, op. cit., pp. 307 a 320. 6) Roob, Alexander, *Alquimia e Misticismo*, Ed. Taschen, Lisboa, 1997, p. p. 652. 7) Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain, op. cit., pp 181, 182,183 e 198, 199. 8) Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain, op. cit. pp. 270 a 277. 9) Roob, Alexander: *Nessa medida é possível designar todo o universo criptico-figurativo com o nome de um dos seus motivos favoritos, o hermafrodita, enquanto intersecção da sedução sensual (Afrodite) e do apelo espiritual (Hermes)*. op. cit., pp. 11-12. 10) Bachelard, Gaston, *La Poétique de la Rêverie* ed. Presses Universitaires de France, Paris, 1974, pp. 60 a 76. 11) Von Hoff, Caspar Hartung, *A Arte – tratado de alquimia do Séc. XVI*, colecção Esfinge, Edições 70, Lisboa, 1990, p. 54. 12) Roob, Alexander, “A Árvore Filosofal”, pp. 307 a 309. 13) Evola, Julius, *A Tradição Hermética*, col. Esfinge, Edições 70, Lisboa, 1979, p. 12. 14) Hocke, Gustav René, *Labyrinthe de L'Art Fantastique*, ed. Denoël Gonthier, Paris, 1967.

DA CIRCUNSTÂNCIA E DA ÉTICA DO ABJECCIONISMO

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

O abjeccionismo, apesar da singularidade da sua situação no século XX português, visto não depender de qualquer importação directa, o que não aconteceu a nenhum outro “ismo”, salvo o primeiro deles, que é só excepção, o abjeccionismo, dizia-se, parece estar hoje fora de qualquer foco público de atenção. Confundir obscuridade, ou até olvido, com senilidade seria porém erro grave. Impõe-se abrir um caminho neste território desconhecido. Seja ele uma extensão do surrealismo, e houve quem lhe chamasse *metástase do surrealismo*, seja momento diferenciado, o que parece difícil, dadas as suas indiscutíveis ligações ao surrealismo, é nele, abjeccionismo, que reside uma das mais curiosas e profícuas bifurcações da criação portuguesa do século XX e seguramente um dos nós mais vivos da crítica social de sempre. Deixam-se de seguida alguns dados que podem contribuir para uma ideia mais segura do que foi a história do seu aparecimento e do seu primeiro desenvolvimento, seguidos dalgumas reflexões – a paixão historiográfica não pode obnubilar a acção de pensar – que visam esclarecer o seu sentido.

1. *NASCIMENTO E REGISTO* – Em Agosto de 1948, Mário Cesariny, logo seguido por António Domingues, entra em ruptura com o Grupo Surrealista de Lisboa, formado no Outono do ano anterior. Cesariny junta-se então a António Maria Lisboa, Pedro Oom, Cruzeiro Seixas, Fernando Alves dos Santos e alguns outros. É no quadro das acções deste novo grupo, “Os Surrealistas” que surge o abjeccionismo. Em Dezembro de 1949 A. Maria Lisboa redige parte de *Erro Próprio*. Os três parágrafos finais, reflectindo convívio com Pedro Oom, são a matriz do abjeccionismo – que pode ter como imediato antecedente textos de Artaud acabados então de publicar, as *Lettres de Rodez* (1946) e o testamento de 1947, *Van Gogh ou le suicidé de la société*. É difícil de

aceitar, sobretudo depois da morte de Artaud em 1948 e da estadia de A. Maria Lisboa em Paris no início de 1949, que os surrealistas portugueses não tivessem conhecimento destas obras. Diz Lisboa: *Traz o Poeta em si os passos e as atitudes dum Mundo Íntimo e Rico, mas depressa a vida oficial e legal, a vida de toda a gente, da massa e seus aproveitadores, lhe suprimem o direito à existência, viver estranho e isolado num mundo que pretendia habitado e harmonioso é viver suicidado, viver morto-vivo num mundo de nado morto. // Especado perante as cidades um novo dilema se abre: – como comunicar numa Babilónia que se destrói ao conquistar a ordem e que para o Poeta não tem interesse a sua subsistência? // Pergunta que cada um resolverá como entender e na altura própria.*

Numa carta de Abril de 1950 a Mário Cesariny, Lisboa põe por escrito pela primeira vez a palavra “abjeccionismo”: *Serei ou não surrealista de hoje para o futuro com a minha Metaciência e o Nosso Abjeccionismo – eu não me pronunciarei sobre tal.* Que entende Lisboa por “abjeccionismo”? A resposta está nos parágrafos finais de *Erro Próprio*, contemporâneos desta missiva. O abjeccionismo é para o seu criador a “*vida oficial e legal, a vida de toda a gente*”, o avesso do mundo “*íntimo e rico*” que o poeta traz em si, característico da demanda surrealista. O abjeccionismo é pois um *reverso*, não um exclusivo, como sucede com a *sordidez* de Céline, esta sem saída e sem luz de contraponto.

Em 1953, António Maria Lisboa, já fatalmente doente, depois de ter publicado no ano anterior em edição de autor *Erro Próprio* e *Ossóptico*, dá a lume na chancela de Luiz Pacheco, Contraponto, *Isso Ontem Único*, onde, no texto “Alguns Personagens”, retoma a ideia de abjecção. Assim: *É no poeta visível a inépcia, que é abjecção, de si perante e numa vida a que foi chegado. O mundo social, o mundo como tal organizado, é o obstáculo que o leva nos desencontros sucessivos com a felicidade e na luta contra ele à mais pequena percepção do mundo autêntico – longínquo aqui agora e inumano! // Mas precisemos: essa inépcia não é filha da falta de possibilidades em adquirir as capacidades necessárias para seguir viagem, mais que resultado de insuficiências, consequência da relação em que o poeta se encontra com esse outro mundo que sendo também do homem não é o do homem.*

A abjecção é a inaptidão social do poeta. A sociedade, com as exigências mercantis que arvora e as regras de conduta que impõe, condicionadas estas por aquelas, constitui um obstáculo à viagem do poeta ao *mundo autêntico*, ao mundo poético do surreal. O homem que se entrega à moral social fica assim, em virtude dos valores que aí o formam, coarctado do mundo autêntico da poesia. A sociedade obstaculiza, mas não de forma absoluta, já que o poeta pode objectar à moral social, vivendo à margem e entregando-se a uma vida outra. A *abjecção* social – ausência de emprego, de riqueza, de prestígio, de sucesso – é o preço que o poeta tem de pagar em termos sociais pela aventura interior que empreende. Em sociedade mercantil, onde a moral social impõe valores suicidários do mundo autêntico, o poeta não pode visar o sucesso mas apenas a solidão – isso que Lisboa chama a *abjecção, de si perante*.

Depois da partida do poeta de *Ossóptico*, em 1953, Luiz Pacheco edita dele um texto que lhe teria sido passado pelo próprio pouco antes de falecer, *Aviso a Tempo por Causa do Tempo* (1956), em folha única. Constituído por seis parágrafos e uma conclusão, o texto tem feição de manifesto colectivo – usa sempre a primeira pessoa do plural – e na origem talvez se destinasse a ser assinado por vários nomes; está datado de Julho de 1953 mas pode ter sido composto antes, entre 1950 e 1951, época em que o grupo “Os Surrealistas” está activo e Lisboa desenvolve as reflexões de *Erro Próprio*. Das declarações conhecidas dos surrealistas portugueses é a mais decididamente libertária – afastamento dos partidos, do Estado, da polícia, da sociedade e da família. Tem interesse para o estudo do abjeccionismo, pois o ponto 4 avança: “*que sendo individualmente e portanto abjeccionalmente desligados das normas convencionais temos o máximo gozijo em ver essas mesmas normas nos componentes da sociedade.* Abstraindo da ironia, *abjeccionalmente* surge aqui como o

pesadelo da megamáquina do século XXI, um fôlego renovado, uma recriação como a que ele aliás já conheceu. No espaço do após abjeccionismo não parece haver lugar para um abjeccionismo póstumo.

SOBRE UM POEMA DE JUVENTUDE DE PEDRO OOM

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

Em 26 de Outubro de 1946, na revista *Seara Nova* (n.º 1000-7, p. 140, número comemorativo do 25.º aniversário), depara-se com um poema de Pedro Oom, “Somente uma Canção”, sem data de composição. É por certo um dos primeiros poemas do autor, se não mesmo a sua estreia em letra redonda. Francisco Pedro dos Santos Oom do Vale, que assinou Pedro Oom, nasceu a 24 de Junho de 1926 e faleceu a 26 de Abril de 1974. Tinha pois dezanove anos na altura em que deu à estampa o poema, porventura escrito em período anterior, já que a revista onde ele apareceu tinha por hábito adiar o seu tanto a publicação de textos poéticos, ainda mais de estreantes ou de desconhecidos, como era Oom, pondo à sua frente textos doutrinários e críticos em prosa. Antes de avançarmos qualquer comento, transcreva-se a letra do texto, para se saber do que falamos. Assim: *Suspirando ais/ Implorais/ “Perdão”// – Não.// Gemendo/ E chorando/Pedis:/ “Compaixão”.// – Não.// Contritos/ Pedis/ E em vão suplicais:/ “Compaixão”.// – Não.// Foi demais!*

Publicado aos dezanove anos mas composto talvez em período anterior, o texto deve ser considerado criação de primeira juventude, uma juvenília de que pouco rasto deixou nas notícias que sobre o autor se conhecem, antes de mais as que estão no livro que reuniu, por iniciativa de Vítor Silva Tavares, a obra dele, *Actuação Escrita* (1980). É verdade que desta reunião apenas se conhece o primeiro volume, já preparado pelo autor antes da sua morte, e que devia ter por título “Textos Poéticos e Polémicos”, onde se reúne o grosso da sua obra de maturidade, ao menos o que dela sobreviveu. Um segundo volume, onde se reuniria, segundo as palavras do editor (1980: 5), *poemas da 1.ª fase, inéditos ou esparsos ou inacabados mas com factura que lhes permite sentido, entrevistas*, ficou por editar. Figuraria nele o poema que ora se observa? Impossível dizer, conquanto o poema deva a todos os títulos ser avaliado como da *primeira fase*.

O interesse do texto em si é pequeno. Trata-se, já o dissemos, de poema elaborado em idade muito jovem e publicado ainda antes dos vinte anos. Não obstante, permite um conjunto de considerações que podem ter algum interesse. Antes de mais lembre-se que o autor, apesar desta “estrela” em idade muito jovem, pouco publicou depois disso. A sua obra, a bem dizer completa, apenas sem a juvenília, os inéditos e as entrevistas, que dariam o segundo volume que ficou por editar, decerto pouco mais do que um opúsculo, está hoje reunida num magro volume de dezenas de páginas, a citada *Actuação Escrita* (1980, pp. 111).

Lembre-se, a propósito das curtas dimensões da obra do autor, que uma parte desta se perdeu. A informação é dada por Mário Cesariny. Citamos (*A Intervenção Surrealista*, 1997: 62): *Pedro Oom: poemas de O Homem Bisado, com versos susceptíveis de serem intercalados uns pelos outros mudando a sua posição no poema sem que este perca a vibração poética. Escreve um manifesto “abjeccionista” que entretanto se perdeu (como a quase totalidade dos seus poemas desta época). Compõe, dentro do mesmo espírito, um baralho de cartas onde estão escritos versos, ou expressões poéticas, cuja leitura é susceptível de ordenar o futuro imediato. Escreve e obtém as primeiras provas tipográficas de um longo poema cujo original se perde também, com as provas. Da sua intensa actividade poética nesta época e dos textos chegados até hoje restam os poemas “O sonbador Espacializado”, “Um Ontem Cão”, os poemas de Afixação Proibida e alguns escassos inéditos. No entanto, muitas das mais importantes posições assumidas por António Maria Lisboa no manifesto Erro Próprio resultam do convívio com Pedro Oom.*

A perda desta parcela é relativa ao período de 1948/50. Pela informação de Cesariny ter-se-ão perdido os seguintes textos: um conjunto de poemas intitulado *O Homem Bisado*, uma proclamação abjeccionista, um baralho oracular de cartas e um longo poema, sem título, de que chegou a haver provas tipográficas. Salvaram-se dois poemas, “O sonhador Espacializado” e “Um Ontem Cão”, o texto colectivo *Afixação Proibida* e algumas das ideias “abjeccionistas” que encontram lugar no texto citado de António Maria Lisboa. De qualquer modo, algo mais sobreviveu ao cataclismo – e Cesariny não diz como sobreveio este. Em 1963, na antologia *Surreal-Abjeccionismo*, pôde recolher Cesariny do amigo um poema, “O Homem Bisado”, que por certo integrava a colectânea perdida. Também pôde dele acolher, desta vez na primeira parte de *A Intervenção Surrealista*, outro poema, “Autoficção da Cidade Amorosa”, para já não referir “Mãotótem”, este presente já nos poemas finais de *A Afixação Proibida* (Contraponto, 1953) e por ele assinado.

Para bem dizer a obra de Pedro Oom quase se resume a este punhado de textos. O que sobra, também reunido no livro de 1980, são alguns dispersos, sobretudo da parte final da década de 60 e início da seguinte, época em que colaborou com o suplemento “& etc.” do *Jornal do Fundão* e publicou mais alguns textos, dois deles, nada de circunstância, na colectânea *Grifo* (1970). Seria porém errar, muito e forte, querer aferir da importância desta obra pelas suas dimensões. O conjunto legado, embora escasso, é riquíssimo. Nada nele se perde; tudo se multiplica. A força de significação de cada um dos seus textos é explosiva, actuando por ondas de choque, círculos concêntricos cada vez mais largos e expansivos, antes de mais pela concentração extraordinária de sentido, ou não sentido, em cada palavra.

Se a obra de Pedro Oom é no conjunto muito diminuta, também os seus textos, em verso e prosa, são curtos, contidos, concentrados, mostrando um pendor de atomização, que é também mestria insuperável numa forma que visa criar, e cria, por dentro e por fora das palavras, um sentido altamente explosivo. Tome-se como exemplo o final do poema “Um Ontem Cão”, composto em 1949 mas publicado pela primeira vez no primeiro número da revista *Pirâmide* (1959), e que mereceu ao autor severíssima chamada à razão de António Ramos de Almeida: *urros frescos/ com pezinbos grelhados/ unhas serrilhadas/ Mitos à Gomes de Sá.*

É talvez aqui que pode entrar a hipotética estreia de Oom em 1949 na revista *Seara Nova*. Se o advérbio do título nos remete de entrada, numa indicação programática, para o solipsismo verbal depois tão característico do autor, os versos da “canção” mostram o gosto e o bom domínio do verso breve, assertivo, cortante, por vezes reduzido a uma única palavra ou até a uma única sílaba, que por meio do isolamento e da repetição se amplifica, marcando o seu tempo e contribuindo de forma pessoal para a criação de sentido.

Estes processos formais do poema publicado aos dezanove anos não mais serão abandonados pelo autor, conquanto venham mais tarde a ser trabalhados num outro compósito verbal, mais rico, em que as associações automáticas insólitas, sobretudo voltadas para a criação dum humor mordaz e subversivo, como se vê nos *mitos à Gomes de Sá*, galgam terreno, destruindo qualquer possibilidade de sentido linear, ainda presente nestes versos, que nos interessam antes de mais pela fixação numa forma e por uma “intransigência” de atitude, que, não sendo abandonada, encontrará todavia as atenuantes compensatórias da mordacidade irónica. O que o melhor caracteriza a poética de Oom é o humor. Percebe-se que nele se trata dum exercício árduo e procurado, nada imediatista, mas bem sucedido. O humor dos seus textos é de classificação muito variada e está ainda por estudar, sobretudo na sua função catártica em relação a um meio embrutecido e castrador.

Depois deste primeiro poema, e num período em que Pedro Oom estava já próximo do surrealismo, e não assim em 1946, em que se sabe, até por ele, da sua proximidade ao neo-realismo, o poeta voltará ainda às páginas da revista de Câmara Reys, primeiro em 13 de Março de 1948 (n.º 1076), com “Uma Canção de Ironia”, e depois em 12/19 de Novembro de 1949 (n.º 1140-41), “Balada da Sentinela”, este último numa altura em que era